

[FAUSTO VIANA | ROSANE MUNIZ]

Fausto Viana é figurinista, cenógrafo e pesquisador. Autor do livro *O figurino teatral e as renovações do século XX*. Doutor em Museologia e professor livre-docente da ECA-USP.

E-mail: faustoviana@uol.com.br

Rosane Muniz é jornalista, atriz e autora do livro *Vestindo os nus: o figurino em cena*. Doutoranda e mestre em Artes Cênicas pela ECA-USP, mantém o blog www.vestindoacena.com.

E-mail: romuniz@gmail.com

Lady Gaga e a Haus of Gaga: laboratório experimental de traje de cena

Não foi possível ignorar um ícone pop do show bizz como Josephine Baker, a bailarina-performer americana que dançava com os seios desnudos na década de 1920. Não foi possível negar a existência de Madonna, já nos anos 1980, quando *Like a virgin* e seu vestido de noiva atraíram a atenção do mundo. De tempos em tempos, surge um novo astro pop que passa a suggestionar uma geração de criadores da área cênica.

[22]



A atriz Josephine Baker, em 1926.

Dessa forma, não é possível no momento ignorar a presença de Lady Gaga, o meteoro norte-americano que invadiu as rádios, as pistas de dança e os videoclipes. Nascida em Nova York em 1986, a moça, que aprendeu a tocar piano aos 4 anos, escreveu sua primeira balada aos 13 e entrou aos 17 anos para a Tisch School of the Arts (New York University), só poderia também precocemente ser coroada rainha da *pop music*.

Gaga iniciou sua carreira em 2003, apresentando shows e performances em festivais de rock alternativo, rap e punk rock, como o Lollapalooza. Mas foi só em 2008 que ela conseguiu lançar o seu primeiro álbum, *The fame*, que chegou ao segundo lugar da Billboard 200. Tratando-se do disputado mercado norte-americano, é muito sucesso para uma iniciante. Ainda mais para alguém que tem muita consciência sobre o que deseja para as suas apresentações.

Lady Gaga declarou que, quando começou – nem faz tanto tempo assim, já que o sucesso começou há três anos e ela tem apenas 25 na idade –, se sentiu muito insegura por ser nova no ramo da indústria fonográfica e ter que trabalhar com marcas e nomes tão grandes na sua equipe de criação. Foi assim, “de forma orgânica”, como a cantora declarou em entrevista¹, que começou a *Haus of Gaga* – um grupo de artistas criadores que trabalham fazendo os trajes de cena de Gaga, os cenários dos shows e uma porção de outras invenções divertidas que vão de telefones a velas com a imagem de Lady Gaga como a “Virgem”.

“É minha equipe de criação”, cita a irrequieta Gaga. “Eu queria colocar meu próprio dinheiro no show, porque, quando se é um artista novo, você meio que tem que se testar. E provar quem é. Eu estava ganhando dinheiro como letrista e não queria um apartamento de cobertura ou um carro porque não dirijo e nunca estou na porra da minha casa, então eu queria colocar todo o meu dinheiro na performance”.

Uma breve análise de qualquer atuação de Lady Gaga demonstra que realmente o aparato cênico merece um bom investimento por parte da cantora, que recebeu, segundo a revista *Forbes*, entre junho de 2009 e junho de 2010, mais de 62 milhões de dólares. A previsão para 2011 gira em torno de 100 milhões de dólares.

Basta olhar de forma geral para o clipe de *Paparazzi*, em que nada menos que nove looks completos são trajados pela cantora. Ou os sete de *Alejandro*, que em nada se comparam aos no mínimo dez de *Telephone*, gravado com a cantora Beyoncé. Para se ficar minimamente instruído do que trata o “universo de Gaga”, que chama seus seguidores carinhosamente de “monstrinhos”, é necessário assistir ao clipe de *Just dance*, *Love game* e *Poker face*, além dos já citados.

E, claro, ver *Bad romance*, recordista de visualizações no YouTube, com mais de 340 milhões de acessos. Um clipe que é tão incômodo que chega a ser genial. De acordo com a própria Gaga, *Bad romance* foi escrito em homenagem às suas más escolhas amorosas – de quem se vê envolvido em uma relação doentia, mas ainda assim continua apostando que vai dar certo. Depois de uma polêmica no ano de 2009, em que se aventou a possibilidade de que a artista fosse hermafrodita (!), ela disse à entrevistadora Barbara Walters que já tinha feito sexo com mulheres, mas nunca se apaixonado por nenhuma. Como tudo em Lady Gaga parece ser um grande produto midiático, muito bem pensado para alcançar o faturamento que tem, não se sabe no que devemos acreditar.

Pois é justamente esse o pano de fundo de *Bad Romance* e de diversos outros clipes da americana. Uma mistura de sexo libertário, não só gay, não apenas bissexual, nem hetero, mas encoberto por uma aura de repressão, de perversão, de desvio ou do que se queira chamar. Um pouco de necrofilia, de sadismo, que sugerem um quê de demoníaco à primeira vista. “Eu quero a sua feiura, quero a sua doença” são alguns dos versos da música. O clipe, conforme explicam os autores, retrata uma casa de banhos futurista onde Lady Gaga será sequestrada e levada à Rússia, para ser negociada como prostituta.

Para uma justa análise, é preciso entender a viagem mental dos autores do clipe e lembrar que em arte é bom quando muitas leituras são feitas. O fato é que, se o leitor vir no clipe uma jovem loira, linda, perdida no universo das relações amorosas doentias, assediada por inúmeros diabos, quimeras pessoais e decepções em diversos níveis, já terá sido uma conquista. Além da batida da música, que realmente é muito dançante.

O figurino, no entanto, tem pontos altos de criação provocativa. São angustiantes as cabeças de látex – com os olhos cobertos – das figuras que emergem dos caixões brancos. Elas voltam no final do clipe, agora em variantes de vermelho. Seriam salamandras? Falos gigantes? Criaturas extraterrenas? Que esquisitices evocam? As figuras masculinas e seus adereços usados no rosto são precisos para dar a noção da rigidez, da força metálica e estéril de uma relação doente. E também como elemento-chave da relação sádica.

A própria Lady Gaga aparece em pelo menos doze composições visuais diferentes no clipe, o que causa uma agonia impressionante, quase insustentável na primeira vez em que se assiste. Como contraponto ao excesso, Gaga permanece quase sem maquiagem durante o clipe (para seus padrões, que fique bem dito), e apenas então se vê a dor feminina, da perda do relacionamento, do trauma. E talvez aí, e apenas aí, se entendam os versos da música que fazem referência aos filmes de Hitchcock: "I want your **psycho**³, your **vertigo** stick; want you in my **rear window**, baby you're sick". Ou seja, Gaga é uma espectadora de si mesma.

Em um universo repleto de simbologias, a mensagem artística de Gaga nem sempre é clara. Mas quem disse que a contemporaneidade é (ou deseja) ser clara? A confusão, todavia, vem quando a vida pessoal da cantora está envolvida. E não parece haver um limite entre a performer, a profissional e a mulher "ser humano" Gaga. Tão exótica quanto as figuras que interpreta nos clipes, Gaga sai às ruas com as criações da *Haus of Gaga* e dos melhores estilistas do mundo, já que moda é assunto que ela adora, incentiva e parece compreender como poucos. Na letra da sua música *Fashion*, ela canta que adora Vivienne Westwood, Gucci, Fendi, Prada, Valentino, Armani, Jimmy Choo, Stuart Weitzman, Dolce&Gabbana, Alexander McQueen e Manolo Blahnik.

Robin Givhan, colunista do *The Washington Post*⁴, disse que Lady Gaga fez "um agito cultural com suas roupas de cena extravagantes e suas roupas cotidianas bizarras. Mas um guarda-roupa excêntrico não é suficiente para transformar uma *performer* em ícone".

Naturalmente, segue comparando-a à cantora Madonna, dizendo que esta sim teve influência no mundo da moda, notadamente no trabalho com Jean Paul Gaultier. No entanto, nada no quesito figurino fez tanto barulho na vida de Madonna como o traje que Lady Gaga ostentou para ir ao *Video Music Awards* de 2010 – um vestido inteiramente feito de carne, com chapéu e bolsa também de carne bovina. Crua.

Polêmica? Mais uma vez, trata-se da discussão entre traje de cena e moda, que nesse caso não deve se encerrar tão cedo, porque é muito lucrativa para muita gente. As semelhanças entre persona e personagem nunca estiveram tão próximas. É torcer para que Lady Gaga saiba onde termina uma e começa a outra. E tanto melhor se ela se tornar ícone fashion. Por que não?



O vestido de carne, criado por Franc Fernandez, 2010.

[24]



Um dos trajes usados por Gaga no *Video Music Awards*, 2009.

NOTAS

[1] Disponível em: <http://ladygaga.wikia.com/wiki/Haus_of_Gaga>. Acesso em: 6 fev. 2011.

[2] Disponível em: <http://ladygaga.wikia.com/wiki/Haus_of_Gaga>. Acesso em: 6 fev. 2011.

[3] O filme no Brasil recebeu o título de *Psicose* (1960). *Vertigo* é *Um corpo que cai* (1958). *Rear window* é *Janela indiscreta* (1954). Curiosamente, Hitchcock, o diretor, faz pequenas aparições como ator nos três filmes.

[4] Edição de 4 de julho de 2010, disponível <<http://www.azcentral.com/style/fashion/articles/2010/07/02/20100702lady-gaga-not-fashion-icon-yet.html>>. Acesso em: 6 fev. 2011.